****

**O PROCESSO DO LUTO NA DESCOBERTA DO DIAGNÓSTICO DE AUTISMO**

Porto da Silva, Rômulo 1

Alves Geraci, Naira 2

Caneves Weirich, Laís 3

Dias Martins, Wesley Romário 4

Petri, Alaiane Cristina 5

**RESUMO:**O luto vai além da perda de alguém, na verdade tem a ver com a perda de algo que gostamos, podendo ser desde um objeto, à uma posição social, animal de estimação, perda do posto de trabalho ou ainda a impossibilidade de viver algo idealizado. O nascimento de uma criança traz consigo a idealização de expectativas, sonhos e anseios, sobre a vida desse pequeno ser, que diante de um diagnóstico de uma doença, deficiência ou até mesmo um transtorno do neurodesenvolvimento, coloca esse sonho em xeque.

**Palavras-Chave:**Luto; Diagnóstico, Autismo

**E-mail do autor principal:**romuloporto96@hotmail.com

1Vila Velha – Espírito Santo, romuloporto96@hotmail.com.

2Formosa – Goiás, naira.a.geraci@academico.unirv.edu.br

3Cascavel - Paraná, laisweirich@hotmail.com

4Floriano - Piauí, wesleyrdm\_enf@outlook.com.br

5Cascavel - Paraná, alaianepetri@gmail.com

**1. INTRODUÇÃO**

A descoberta do diagnóstico de autismo em uma criança pode ser um momento difícil para os pais e familiares. O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é um transtorno do neurodesenvolvimento que tem como principais características as dificuldades na linguagem/comunicação, interação social e comportamento (APA, 2013). Quando os pais recebem o diagnóstico de autismo para seus filhos, muitas vezes enfrentam um período de luto e adaptação à nova realidade. Parkes (1998) e Bromberg (2000) explicam que o luto é uma reação normal em resposta a um stress devido ao rompimento de uma relação significativa. Segundo Parkes (1998), o luto é a expressão do descontentamento para a privação e perda de alguma pessoa, ou objeto, considerado essencial e que fora anteriormente oferecido. O processo de luto envolve uma série de emoções, como negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. É importante lembrar que esses sentimentos são normais e fazem parte do processo de aceitação e adaptação. O objetivo deste artigo é apresentar, em forma de revisão de literatura, o luto pós diagnóstico de autismo, como parte importante e necessário no processo de aceitação do filho autista.

**2. MÉTODOS**

O método de pesquisa utilizado foi a revisão bibliográfica, que é aquela que recorre a publicações científicas em periódicos, livros, anais de congressos etc., além de ter por finalidade sintetizar pesquisas qualitativas. Neste artigo, os resultados estão baseados na revisão de artigos recentes que abordam temas relacionados a temática proposta.

**3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em todas as famílias, a criança começa a ser idealizada muito antes de saber o sexo do neném. Sá e Cunha (1996), nos diz que a criança nasce na imaginação e no pensamento dos pais muito antes do momento do parto. De acordo com Gronita (2007) a criança é imaginada e idealizada na sua perfeição, conseguindo alcançar metas nunca atingidas pelos próprios pais. Antes mesmo de nascer, os pais planejam como farão as festas de aniversário, quais músicas a criança irá ouvir, passeios que farão num domingo à tarde, ou até mesmo a profissão que a criança seguirá quando adulta.

É frequente ouvir frases do tipo: “(...) o importante é que venha com saúde”, afirmando, que as expectativas pelo filho idealizado são sempre de características positivas. A criança idealizada é sempre “perfeita” e jamais esperada com qualquer tipo de comprometimento, seja físico ou neurológico.

Tal como nos refere Ferrari, Piccinini e Lopes (2007), citados por Ferreira (2009), ao nascer, quando o filho não corresponde totalmente as expectativas idealizadas pelos pais, começa a ser fazer necessárias algumas reestruturações da idealização do filho de acordo com as suas características.

Segundo Gronita (2007) os pais precisam passar por um processo de aceitação, aprendendo novas regras de relação e interação, por vezes, contraditórias às que lhe foram transmitidas culturalmente. Pereira (1998) confirma, dizendo que quando este facto acontece, existe um impacto no papel dos pais, afetando-os de várias formas. Neste momento, inicia-se o processo de luto pela “morte” do filho idealizado.

Twycross (2001) define o luto como a maior crise que as pessoas têm de suportar, contudo é necessário para a adaptação à perda e ao significado que a perda tem na sua vida.

As fases do luto é uma teoria proposta por Elisabeth Kubler-Ross para descrever os estágios emocionais que as pessoas podem experimentar ao enfrentar uma perda. Embora inicialmente tenha sido proposta em relação à morte, essa teoria pode ser aplicada a outras formas de perda, como a descoberta do diagnóstico de autismo em um filho.

De acordo com Kübler-Ross (2008) nem todas as pessoas irão vivenciar seu luto de maneira semelhante, na ordem que é apresentada. Assim, uma mesma pessoa pode “passear” entre as fases, dependendo da vivência de cada um. Cada luto é singular na medida em que os seres humanos o são.

A primeira fase do luto é a negação. No caso do diagnóstico de autismo, quando algum familiar levanta suspeita, os pais imediatamente tentam argumentar, justificando possíveis sinais de alerta para o autismo, como: timidez para dificuldade do contato visual, chão frio por andar na ponta dos pés, a criança não frequentar a escola para justificar o atraso da fala, entre muitos outros. Alguns pais têm dificuldade em aceitar até mesmo o diagnóstico e querem consultar outros especialistas, tentam ocultar de familiares e amigos e até mesmo esperam o tempo passar para ver se há alguma mudança no comportamento. O problema da fase de negação é que, além de aumentar a dor da frustração devido o desenvolvimento do seu filho não ser como esperado, ocorre atraso no início das intervenções terapêuticas, podendo perder fases valiosas no desenvolvimento da criança.

A segunda fase é a raiva. Kübler-Ross e Kessler (2005) apontam que a raiva não é um sentimento que possua muita lógica, na medida em que ele pode ser direcionado para qualquer coisa ou pessoa que o sujeito enlutado queira. Por exemplo, o pai culpar a mãe por ter gerado um filho “imperfeito”, um filho “com problemas”, diferente do que aquele idealizado. Vale ressaltar que no exemplo citado a cima, tanto o pai quanto a mãe estão enlutados, e as acusações de indignação são esperadas em todo processo de luto. Agora, ambos precisam aprender a lidar com o filho real, que é diferente daquele gerado em suas imaginações.

A terceira fase é a barganha. Nesta fase, inicia-se a busca por verdadeiros milagres. O enlutado começa a suplicar a Deus, a fazer promessas, juramentos de que não fará mais as coisas como antes, de que tudo será diferente. A culpa geralmente vem acompanhada da barganha, em que o sujeito acredita que poderia ter feito algo diferente para a situação não ter chego onde está. A barganha é um sentimento que muda constantemente. Há momentos em que o enlutado barganha com Deus pedindo que seu filho não morra, e no outro, algum tempo depois, que se seu filho morrer, que seja de maneira indolor, sem causar sofrimento (KÜBLER-ROSS, 2008; KÜBLER-ROSS E KESLLER, 2005).

A quarta fase é a depressão. Kübler-Ross e Kessler (2005) apontam que é muito importante se ter em mente que depressão aqui não deve ser compreendida como um estado patológico, que requeira a intervenção de medicamentos. A depressão, neste momento, deve ser compreendida como uma reação normal e apropriada após a perda de um ente querido.

A última fase é aceitação. Kübler-Ross e Kessler (2005) e Kübler-Ross (2008) caracteriza como a aceitação da realidade por parte do enlutado. Ele passa a aceitar a morte do seu filho idealizado, o que foi “gerado” na imaginação, o que nunca existiu. É importante estar atento para a ideia de que a aceitação não significa que está tudo resolvido. A aceitação é um processo que precisa está em constante manutenção. A aceitação propicia que o sujeito passe a encarar a nova realidade e a dar significado a ela, na medida em que novas relações são estabelecidas e que se possa aprender a viver sem a pessoa que se foi. O vínculo depois de restabelecido, se fortalece, e os pais, começam a (re)conhecer o filho real, aquele gerado de verdade e com o passar dos dias, todas as dificuldades e questionamentos começam a se transformar em amor, zelo e dedicação, transformando a família, fortalecendo laços e preenchendo o vazio por fortes lembranças afetivas.

**4. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo do luto é normal e esperado que aconteça nos casos da descoberta do autismo. Muitas vezes, o luto inicia-se nas primeiras percepções de sinais de alerta, mesmo sem imaginar se tratar do autismo; muito antes de realizar a avaliação diagnóstica. É importante que todas as fases sejam superadas com apoio e orientação, permitindo que o processo seja completo da maneira mais leve e natural possível. O vínculo familiar reestabelecido e fortalecido, gera melhor qualidade de vida para criança e consequentemente, para seus pais.

**REFERÊNCIAS**

American Psychiatry Association – Apa. *Diagnostic And Statistical Manual Of Mental Disorders - Dsm-5.*  Washington: American Psychiatric Association, 2013.

Bromberg, M.H.P.F. (2000). A Psicoterapia Em Situações De Perdas E Luto. Campinas: Editorial Psy Ii.

Ferreira, N. (2009). A Competência Comunicativa Na Criança Portadora Da Problemática De Síndrome De Asperger. Obtido em: 15 De março De 2023, De Http://Repositorio.Esepf.Pt/Bitstream/Handle/10000/275/Pg-Ee2009neideferreira.Pdf?Sequence=1

Gronita, J. J. (2007). O Anúncio Da Deficiência Da Criança E Suas Implicações Familiares E Psicológicas. Obtido em: 15 De março De 2023, De Http://Www.Deficiente.Net/Trabalhos/Gronita.Pdf

Kübler-Ross, E. Sobre A Morte E O Morrer. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Kübler-Ross, E.; Kessler, D. On Grief And Grievining: Finding The Meaning Of Grief Through The Five Stages Of Loss. New York: Scribner, 2005.

Parkes, C.M. (1998) Luto: Estudos Sobre A Perda Na Vida Adulta (M.H.P. Franco, Trad) São Paulo: Editora Summus.

Pereira, F. (1998). As Representações Dos Professores De Educação Especial E As Necessidades Das Famílias (2ª Ed.). Lisboa: Graforim Artes Gráficas, Lda.

Sá, E., & Cunha, M. (1996). Abandono E Adopção – O Nascimento Da Família. Coimbra: Liv. Almedina.

Twycross, R. (2001). Cuidados Paliativos (1ª Ed.). Lisboa: Climepsi Editores.